

DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Corre aí...

O Planalto acompanha atentamente as investigações dos assassinatos do jornalista britânico Dom Phillips e do indigenista Bruno Araújo Pereira, com ordens para que seja tudo apurado de forma célere e sem brechas para interpretações que possam comprometer o coração do governo.

...porque vem flecha

Uma das preocupações é evitar que se coloque luz sobre apoiadores do presidente que sempre tiveram uma relação difícil com os segmentos ambientais. Por exemplo, o secretário de Assuntos Fundiários do Ministério da Agricultura, Nabhan Garcia, aliado desde a pré-campanha de 2018.

Jogo triplo

Uma turma aliada ao presidente Jair Bolsonaro queria que ele cancelasse a motociata em Manaus. Outra pediu que ele mantivesse e colocasse um tom de homenagem a Dom Phillips e Bruno Pereira. Um terceiro segmento queria foco no roteiro pré-definido lá atrás e ponto.

Enquanto isso, no PT...

Lula manterá os pedidos de um minuto de silêncio pelos assassinatos e vai colar as mortes no jeito com que o governo Bolsonaro lida com os problemas ambientais e políticos. A ideia é dizer que, se não fosse a forma como o governo trata as questões da Amazônia, Dom e Bruno estariam vivos.



PSD mais próximo de Márcio França

Em todos os cenários pré-eleitorais, o que tem chamado mais a atenção dos partidos é a disputa para o governo de São Paulo, considerada a eleição mais intrincada do ponto de vista estratégico. Apesar da liderança de Fernando Haddad (PT), o quadro de candidatos ainda não está consolidado e, ao contrário do que espera o partido, a tendência é um reforço à candidatura de Márcio França, do PSB. O apoio à França deixa a sigla numa situação mais confortável, porque a candidatura do

ex-governador deixa o PSD no centro e com espaço para escolher o que melhor lhe prouver num segundo turno, caso Márcio França não chegue lá. Se ele for ao segundo turno, os integrantes do PSD calculam que a vitória é certa, porque, se for contra o PT, ele agregará a turma do ex-ministro Tarcísio de Freitas (Republicanos). Se for contra o candidato de Jair Bolsonaro (PL), o PT o apoiará para não dar a vitória ao bolsonarismo.

» » »

Em tempo: Gilberto Kassab (PSD) continuará defendendo a candidatura própria, mas dá a senha a essa composição, ao dizer que Felício Ramuth, pré-candidato ao governo pelo partido,

tem o direito de escolher o caminho. E, com 1% de intenção de voto em algumas pesquisas, o PSD prefere uma vice com mais chances, seja de vitória ou de negociação, do que uma candidatura perdida.

CURTIDAS

Quem avisa.../ A Secretaria Geral da Mesa da Câmara avisou aos gabinetes dos parlamentares que os deputados do Nordeste não estavam dispensados das sessões desta semana. É que havia um grupo espalhando que, por causa das festas juninas, a falta seria perdoada.

... amigo é! "As sessões foram antecipadas para segunda, terça e quarta-feira justamente para permitir a presença de todos", diz o comunicado enviado por líderes partidários às bancadas. Como o ponto alto das festas marcado para quinta-feira, dá tempo de trabalhar no Congresso antes de cair na campanha junina.

Paulo Sérgio/Câmara dos Deputados



Dois pesos/ Tem muita gente no Congresso reclamando das sessões presenciais, que causam aglomerações. Mas, na hora das festas juninas, ninguém se lembra da pandemia.

Deu ruim/ Fora de hora a motociata do presidente Jair Bolsonaro em Manaus. Souo como um descaso perante os crimes que revoltaram o mundo.

ELEIÇÕES 2022 / TSE se aproxima de religiosos em busca de aliados contra notícias falsas em meio ao pleito de outubro, mas encontra hesitação entre as lideranças evangélicas, inclusive na bancada da Câmara dos Deputados

Fora do pacto contra fake news

» CRISTIANE NOBERTO

Paulo Sérgio/Câmara dos Deputados



Segundo o deputado Sóstenes Cavalcante (PL-RJ), TSE tenta separar os fiéis de seus valores e conceitos

“Promover ações de conscientização relacionadas com a tolerância política, a legitimação do pensamento divergente e consequente exclusão da violência como aspectos indispensáveis à preservação da paz social.” É o que diz um trecho do termo de cooperação que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) assinou com entidades e representações religiosas no começo do mês, com a intenção de desmistificar e promover informações concretas e verdadeiras sobre as eleições e as urnas. Ao dar atenção especial às religiões de diversos credos nas eleições é possível combater fake news, bem como promover a “exclusão da violência” nas mais diversas manifestações que possam conter conteúdos eleitorais. Assim, ao menos um representante de cada religião assina o acordo: matriz africana, budista, católica, espírita, evangélica, israelita e muçulmana.

Contudo, ainda há resistência ao pacto no meio evangélico. Sempre que pode, o presidente Jair Bolsonaro (PL) faz ataques às urnas e às eleições — ainda que em menor frequência agora. Apesar do termo ter a intenção de proteger a integridade das urnas, nenhuma das entidades se compromete a apoiar a defesa dos dispositivos. Inclusive, no dia do encontro, ele comentou que o presidente da Corte eleitoral, ministro Edson Fachin, teria armado anteriormente contra os evangélicos. “O Fachin fala de paz e tolerância nas eleições”, só que, no ano passado, ele tentou criar jurisprudência no TSE criminalizando a participação de religiosos e evangélicos nas eleições”, afirmou em entrevista ao canal *Agromais*.

Fiel escudeiro de Bolsonaro, o pastor Silas Malafaia havia se manifestado contrariamente ao acordo. Em vídeo publicado nas redes sociais, o religioso chegou a pedir

o boicote do acordo. “Líder religioso que sabe das coisas não vai cair nesse jogo”, afirmou na gravação, chamando o magistrado de “esquerdopata de carteirinha”.

A União Nacional das Igrejas e Pastores Evangélicos (Unigrejas) também recebeu o convite para assinar o acordo, mas alegou não sentir-se confortável. “Neste momento, na busca de temperança e na representação de mais de 50 mil pastores e igrejas, resolvemos ficar como observadores do evento, posto que há temas sensíveis em pauta, como o chamado combate à desinformação. É importante lembrarmos que a democracia se fortalece na pluralidade política, e

a liberdade religiosa e de expressão são fundamentais para a República”, explicou, em nota, o presidente da entidade, bispo Eduardo Bravo.

Estado laico

Para o presidente da bancada evangélica na Câmara dos Deputados, deputado Sóstenes Cavalcante (DEM-RJ), o TSE ignora parte da história e não conhece o que significa ser religioso. Segundo ele, os evangélicos sabem muito bem o que é o Estado laico. “O que nem o TSE e nem ninguém nunca vai separar são os cidadãos de seus valores e conceitos. Todos nós, sejamos religiosos ou não, temos conceitos,

valores que jamais serão divorciados da cidadania”, disse ao *Correio*.

Segundo o parlamentar, os evangélicos são cidadãos como quaisquer outros, que pagam impostos e precisam ser respeitados. Para ele, é natural que, como cidadãos, tenham poder de influenciar e participar do exercício eleitoral. “Nós, evangélicos, sempre fomos ordeiros e amantes de tudo que é legal. Nada vai alterar para os evangélicos e, se algum deles, seja líder ou candidato, desrespeitar algum item da legislação eleitoral, que seja punido pelo que está escrito na lei, não por aquilo que não está escrito.”

Uma fiel de uma igreja neopentecostal, ouvida pela reportagem,

» Acordo com Moraes

Em evento religioso em Manaus, ontem, o presidente Jair Bolsonaro (PL) citou nominalmente o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes, que, segundo ele, teria descumprido um acordo de arquivar o inquérito das fake news. A situação teria ocorrido em setembro do ano passado, quando Bolsonaro divulgou uma carta recuando de seus ataques ao ministro, após os atos no Sete de Setembro. De acordo com o chefe do Executivo, ele teria conversado com o ministro por telefone para propor uma “pacificação”. “A carta eu assinei, vocês lembram, me descapitalizei politicamente, fui ofendido por palavras as mais variadas possíveis. Mas o que eu conversei com o Alexandre de Moraes foi uma pacificação: eu entro com a carta e ele entrava com outras coisas, entre elas, em poucas semanas, o arquivamento dos inquéritos de fake news e atos antidemocráticos. Ele cumpriu algo? Não”, comentou o presidente.

em condição de anonimato, afirmou que alguns dos líderes religiosos de sua denominação evangélica falam da importância de manter o presidente Bolsonaro no poder. Segundo o relato, o chefe do Executivo é o único que mantém as pautas de costume, caras ao eleitorado evangélico. Por isso, pedem para que votem em Bolsonaro.

Ao ser questionado sobre o assunto, Sóstenes Cavalcante afirmou que o posicionamento dos líderes religiosos não é considerado uma infração, mas uma “conscientização do que eles acreditam como sendo cidadania”. “É importante que a Igreja faça esse tipo de conscientização através de seus líderes, ou seja, pastores, ou

outro tipo de liderança eclesial, para que amadureça o conceito de cidadania, inclusive do povo evangélico. Por muito tempo, nós, evangélicos, negamos um pouco esse exercício de cidadania”, continuou.

Não à toa, Bolsonaro lidera as pesquisas eleitorais no meio evangélico, ainda que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) esteja encostando nas porcentagens do atual chefe do Executivo. Segundo a última pesquisa de intenção de voto do Ipespe, o presidente tem 47% das intenções de voto neste segmento contra 32% do petista.

“A questão de cada contingente de filiação religiosa tem a ver exatamente com a natureza da relação entre os fiéis e a hierarquia entre as religiões. O espiritismo não tem hierarquia. Portanto, a chance de os eleitores que frequentam esse segmento serem guiados do ponto de vista político eleitoral é muito pequena”, explica o cientista político, sociólogo e presidente do conselho do Ipespe Antonio Lavareda.

O especialista ainda aponta que, no caso dos católicos, o fenômeno está relacionado à frequência nos cultos. Segundo ele, apesar dessa denominação ter um grande contingente, vão menos ou são bastante esporádicas as presenças nas igrejas. Logo, a “capacidade de influência é muito pequena do ponto de vista político eleitoral”.

Já no segmento evangélico, especialmente nas igrejas neopentecostais, a frequência de fiéis à hierarquia é muito elevada. “As pessoas frequentam mais de duas vezes por semana, é uma relação muito estreita. Isso possibilita uma influência maior sobre o voto desses fiéis. A natureza do relacionamento do fiel com a respectiva igreja e a assiduidade é uma variável”, afirma.